

Por: Moisés Benigno da Silva

Para falar sobre Tecnologia e Educação, ainda mais neste momento impactado pela pandemia, convidamos o Professor Moisés Benigno da Silva. O Professor Moisés é Bacharel em Sistemas de Informação, Especialista em Gestão da Tecnologia da Informação e Comunicação e Mestre em Ciências da Computação pelo CIn/UFPE. Também é membro da Sociedade Brasileira de Educação a Distância (ABED), Avaliador Ad hoc do MEC/INEP para o Ato de Credenciamento Institucional na Modalidade Presencial e a Distância. Possui o título de qualificação Google Certified Educator.

Atualmente, nosso entrevistado é Professor e Procurador Institucional da FAFIRE em Recife/PE. É, também, Conselheiro Estadual da Associação Nacional de Educação Católica do Brasil (ANEC), Membro da Comissão Nacional da Pastoral da Família Doroteana, da Província Brasileira.



Foto: Amin Melo

ENTREVISTA

1) Professor Moisés, como o senhor descreve o uso da tecnologia na educação – tanto básica como superior – antes da pandemia? As instituições e os educadores estavam “atrasados” no uso dos recursos disponíveis?

Resposta: É difícil a comparação entre a educação básica e a educação superior quando falamos sobre a utilização da tecnologia no contexto educacional, principalmente aqui no Brasil. Sempre houve um distanciamento entre eles que, pós-pandemia, deverá ser amenizado. Discretamente já vínhamos nos preparando para adentrar numa década de transformação da educação, um dos pontos dessa pauta era a adoção das tecnologias digitais (TDICs).

A pandemia do novo Coronavírus externalizou as desigualdades e as fragilidades do nosso sistema educacional. Em 2020 nossas assimetrias foram mais acentuadas, expondo o descompasso entre o público e o privado. Mais uma vez nossas políticas públicas falharam.

Sim, julgo que estávamos todos atrasados. Mais atrasada ainda estava a educação pública, onde os investimentos em tecnologia e em mão de obra (formação docente) não são colocados como prioridades no cenário da educação nacional.

Na educação básica privada alguns investimentos já estavam sendo realizados, todos impulsionados pela utilização das metodologias ativas, pelo “Movimento Maker” e pela adoção das ferramentas do Google for Education. Paralelamente, investiu-se também na formação dos professores. Julgo este ter sido o fator crítico

de sucesso para superar toda essa instabilidade provocada pelo COVID-19. Na educação superior já existia uma maior familiarização com as ferramentas e com os recursos tecnológicos. A educação a distância foi a modalidade de ensino que mais cresceu e se desenvolveu nos últimos anos no Brasil. Desde 2004 o Ministério da Educação (MEC) flexibilizou a possibilidade da utilização de 20% da carga horária total do curso para a supracitada modalidade. Hoje já é possível a oferta de até 40% da carga horária nos cursos de graduação. A dificuldade em comum, tanto na educação básica quanto no ensino superior, foi no (re) planejamento das práticas e das atividades pedagógicas. Infelizmente ainda vivemos em um modelo educacional de transmissão excessiva de conteúdos.

2) A migração para o meio digital foi forçada e repentina, decorrência da impossibilidade de manter as aulas presenciais. Qual a sua percepção sobre esse movimento? As instituições privadas fizeram isso com qualidade diante dos recursos tecnológicos que têm à disposição?

Resposta: Felizmente é um caminho sem volta. Sempre acreditei no modelo de ensino híbrido. O termo hibridismo ou *blended learning* veio à tona por causa do COVID-19. Muitos acreditam que é algo novo na educação, mas já é uma realidade nos EUA desde a década de 60.

Pude acompanhar de pertinho muitos casos de sucesso nessa migração para o meio digital, inclusive algumas em escolas do Grupo Doroteias no Brasil. A verdade é que so-



fremos um “apagão” com um ano letivo em curso. Fomos todos bombardeados por perguntas sem respostas - até o momento, onde exigiu de toda a comunidade educativa uma maior integração. Falo dos planejamentos semanais de atividades, dos planos de retomada das aulas, das comunicações com os pais e a constante prestação de contas com o poder público.

A tecnologia tomou finalmente o lugar dela. Foi meio, e não fim. O protagonismo foi do planejamento didático-pedagógico. Tanto os professores quanto as coordenações pedagógicas fizeram um belíssimo trabalho. Esse alinhamento, sobretudo com a gestão administrativa da escola, foi o sustentáculo para superarmos toda essa turbulência. Nossas escolas estavam preparadas, porém alguns investimentos tecnológicos foram necessários. Tivemos que adotar uma padronização nas ferramentas e nos recursos, a fim de otimizar nossas ações e buscar uma maior eficiência. A formação continuada dos docentes também foi alinhada como o planejamento institucional. Muitos professores já utilizavam as ferramentas adotadas pelas escolas e faculdade em suas práticas pedagógicas.

Pude evidenciar a força do Grupo Dorotéias. Das trocas de conhecimento entre as escolas, das socializações de experiências entre as direções e o desejo de acertar da área pedagógica, ou seja, fazer o melhor sem perder o ethos da Congregação. Vejo como um ensaio exitoso para amadurecermos a implantação de uma comunidade de prática (CoP). Vejo dois legados: a aproximação entre as escolas e as famílias. Na quarentena, muitos pais acompanharam os estudos dos filhos e puderam vivenciar as dificuldades que envolvem o ensinar. A outra foram as experiências adquiridas. Todas elas deverão ser avaliadas buscando boas práticas para sua integração aos currículos, inovar é a palavra de ordem.

3) A educação a distância já era uma modalidade corrente dirigida a jovens e adultos. Ela é possível na formação das crianças e adolescentes mantendo as mesmas características? Ou os educadores da escola básica precisam buscar outros formatos?

Resposta: É um desafio a ser superado, principalmente na educação infantil. A pandemia apresentou inúmeros relatos de dificuldades e de inadequações aos formatos previamente conhecidos. Devemos ter todo cuidado e zelo por essa importante fase da aprendizagem das crianças. São outras habilidades que necessitam serem desenvolvidas, o convívio social é parte fundamental nesse processo. Para o ensino fundamental, acredito ser perfeitamente possível. No entanto, uma transição se faz necessária entre todas as suas etapas. Não apenas do fundamental ao ensino médio, como também do ensino médio ao ensino superior. Devemos buscar

novos formatos, porém ainda não temos uma receita pronta. Novos debates surgiram, novas reflexões se iniciaram. Deixo como sugestão uma indicação para que todos possam acompanhar as discussões do Centro de Inovação para a Educação Brasileira (CIEB), através do site: <http://www.cieb.net.br>. Por fim, todos os avanços dependerão de um diálogo, constante, entre as instituições de ensino, a sociedade civil organizada e o Ministério da Educação.

4) Os educadores percebem que a escola não será mais a mesma – a sala de aula passará a conviver mais com a tecnologia e o ensino híbrido será uma realidade. O que as instituições precisarão prever em sua estrutura para dar conta dessa nova realidade? Mais recursos técnicos na sala de aula? E que recursos humanos precisarão ser agregados?

Resposta: Quanto à necessidade do constante investimento em formação continuada dos professores, acredito que essa demanda já seja ponto pacífico. Volto a falar sobre a importância de (re)adequarmos nossos currículos, torná-los mais inovadores. A nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um desafio. Não é uma obra de perfeição, mas um caminho a ser trilhado. Novos ecossistemas pedagógicos (com a inclusão das TDICs) vão surgir. Esse espaço de sala de aula será reconfigurado. As metodologias ativas vão ser uma regra, não mais uma exceção. O ambiente escolar será um lócus de prática onde os conhecimentos, competências e habilidades irão convergir para uma mesma direção. Passaremos por uma nova economia, a Economia da Atenção. Os recursos humanos passarão, também, por uma mudança significativa. Seremos “Curadores Digitais” onde cada vez mais direcionaremos nossos alunos na busca e no tratamento das informações. Esse tipo de “tutoria” será um passo importante para que os estudantes estejam aptos para a resolução de problemas complexos. No que tange aos recursos e as estruturas tecnológicas, vamos seguir o fluxo do chamado continuum da utilização da web na educação. Nossas escolas deverão acompanhar essa evolução e as outras demandas do mercado por formações de habilidades específicas. A pandemia nivelou todos num mesmo espectro.

5) O celular foi, durante algum tempo, um “vilão” na sala de aula, sendo visto mais como um elemento de distração que de apoio ativo ao estudante. Ele passará a ser um aliado?

Resposta: Exatamente. Excelente reflexão. O celular e as escolas nunca conviveram harmoniosamente no mesmo espaço, inclusive sua utilização pode ser regulada pelo poder público. Cito como exemplo a regulamentação do Governo de Estado de Pernambuco, com a promulgação



da Lei n. 15.507, de 21 de maio de 2015.

O celular em sala de aula tem um potencial imenso. Já percebeu que você tem inúmeros laboratórios (química, biologia, geografia, história) dentro do bolso? Quanto nossas aulas poderiam ser mais ricas, interativas e colaborativas. O cenário do COVID-19 mostrou aos alunos que é possível não só utilizar os dispositivos móveis para a diversão/lazer, como também para a aprender. Os pais viveram essa possibilidade. E os professores evidenciaram suas potencialidades. Até os estudantes do ensino superior, que por sua natureza são mais críticos e exigentes, aprovaram essa experiência. A tecnologia digital deve ser dotada de sentido. Propósito. Devemos fazer a tecnologia “trabalhar” para a gente, e não o contrário.

6) A velocidade das mudanças na área da tecnologia é um problema para o educador que busca manter-se atualizado com os recursos disponíveis? Como o educador pode equilibrar a adoção das novidades (que são muitas) com o dia a dia da sala de aula, com suas exigências – que são muitas?

Resposta: Talvez esse seja o maior desafio da docência na atualidade, a gestão do tempo. A informação está acessível livremente na Internet; já a formação, não. Temos muito o que aprender uns com os outros. Defendo a ideia que os professores e as escolas devam compartilhar o conhecimento, as experiências, os problemas e as soluções, afinal vivemos num mundo em rede (e conectados). Por que não criamos uma comunidade de prática (CoP), como proposto por Etienne Wenger, no Grupo Dorotéias? O Grupo está presente em 12 estados da federação, atuando na educação formal e informal, possui aproximadamente 15 mil estudantes e uma média de 850 professores transitando entre a educação básica e a educação superior. Essa capilaridade é algo excepcional. De forma respeitosa, digo: já passou o tempo de termos em nossos espaços pessoas externas (consultorias) dizendo o que fazer, como fazer, o que aprender e em que investir. Não são todas as empresas que têm a possibilidade de realizar um benchmarking interno desta envergadura. É nesse sentido que a formação continuada dos professores assume uma visão interdisciplinar, possibilitando a construção de um projeto de formação consistente. O diferencial competitivo já possuímos, falo do comprometimento e do sentimento de pertencimento que os educadores têm pela vida, missão e ensinamentos de Paula Frassinetti.

7) Como o senhor vê o ensino de linguagens de programação desde os anos iniciais (alguns falam de aulas de programação na Educação Infantil)? Isso é um modismo ou uma necessidade?

Resposta: A nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) sinaliza claramente a necessidade da utilização das TDICs - Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação - onde as ferramentas e os recursos devem estar presentes no cotidiano escolar. É importante ressaltar que se faz necessário promover a alfabetização e o letramento digital, assim assegurando o processo de inclusão digital dos nossos alunos. Particularmente não vejo como um modismo, pelo contrário. Vejo a Educação Infantil como solo fértil para essa “iniciação”. O Campo de Experiências “Escuta, fala, pensamento e imaginação” da BNCC podem ter elementos das TDICs integrados aos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, cujo a introdução da programação poderia ser uma delas. Nós, educadores, precisamos ter em mente que estamos formando nossos estudantes para profissões que ainda não existem. Eles estão sendo inseridos num mundo cada vez mais volátil, incerto, complexo e ambíguo. Essa capacidade de adaptação dependerá diretamente da flexibilidade cognitiva, ou seja, a habilidade de aprender, desaprender e reaprender num curtíssimo espaço de tempo.

8) O que dizer aos educadores que têm resistência no uso de ferramentas tecnológicas? E aos que supervalorizam os recursos em detrimento da presença humana?

Resposta: Acredito que a virtude está no equilíbrio. Paulo Freire nos ensinou que a Educação tem que ser libertadora. Precisamos, sobretudo, libertar-nos das nossas amarras e dos nossos preconceitos (no sentido estrito da palavra). As TDICs não podem ser simplesmente demonizadas e muito menos super valorizadas. A tecnologia é meio e o fim é a sua relação com a aprendizagem. Cada vez mais o papel do educador é permitir a emancipação dos estudantes através de um processo de escuta ativa. Essa escuta possibilitará um maior engajamento, seja afetivo e/ou social. A sala de aula, nos moldes tradicionais, passou a ser campo e espaço para a experimentação. Cada vez mais seremos mediadores, sairemos de uma postura ativa para uma postura passiva na ensinagem. O aluno será o verdadeiro protagonista do seu processo formativo.

PROVÍNCIA BRASILEIRA

Governo Provincial:

Ir. Jaci Dutra Pessoa | Ir. Ana Maria Lopes |

Ir. Ildes Maria Lobo Mendes | Ir. Maria das Graças Soares da Costa

Ir. Maria do Socorro Lopes Souza | Ir. Gilma Souza Sales

Ir. Maria das Graças Leal

Comissão de Comunicação

comunicacao@doroteiasbrasil.org | (81) 9 9969-0546